

# ENTRE PRAÇAS, RUAS E BECOS: REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIOS TOPONÍMICOS NO CENTRO HISTÓRICO DE BARREIRAS-BA

Deiseane Oliveira Lopes <sup>1</sup>

Anderson Dantas da Silva Brito <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe, <sup>2</sup> Universidade Federal do Oeste da Bahia

## Resumo

Esta pesquisa problematiza representações e imaginários toponímicos de ruas, praças e becos do Centro Histórico de Barreiras (BA). Nesse recorte urbano que trata especificamente de um objeto dedicado aos sujeitos históricos próprios do local ou região, perscrutamos as referências localizadas nas placas que registram as suas existências. Nessa perspectiva, buscamos evidenciar as múltiplas representações que também se encontram em imaginários através de um diálogo com Chartier (2002); Castoriadis (1982); Bourdieu (2003); Dick (1996); entre outros. As análises nos permitiram perceber a presença do sentimento republicano representado pelos coronéis, os achados, quase que invisíveis, da existência das mulheres, além dos resíduos urbanos, que, mesmo sem nomes oficiais, estão registrados nas crônicas geográficas e históricas da linguística diária e atual da espacialidade.

*Palavras-chave:* toponímia; representações; imaginários; Barreiras (BA).

## Abstract

This research problematizes toponymic representations and imaginaries of streets, squares and alleys in the Historic Center of Barreiras (BA). In this urban cut that deals specifically with an object dedicated to the historical subjects of the place or region, we scrutinize the references located on the plates that register their existence. From this perspective, we seek to highlight the multiple representations that are also found in imaginaries through a dialogue with Chartier (2002); Castoriadis (1982); Bourdieu (2003); Dick (1996); between others. The analyzes allowed us to perceive the presence of the republican feeling represented by the colonels, the almost invisible findings of the existence of women, in addition to urban waste, which even without official names, are registered in the geographical and historical chronicles of the daily and current linguistics of the spatiality.

*Key words:* toponymy; representations; imaginary; Barreiras (BA).

## *Percursos pela pesquisa: o processo de identificação do que nomeia o centro*

**E**m 2017, no Oeste baiano, mais precisamente, na cidade de Barreiras, pode ser vista na paisagem do local, a sua fase mais transitória. As verdes serras, em poucas semanas, deram lugar a um tom de amarelo, de beleza igual, que é próprio do Cerrado. No centro urbano, residência acadêmica da primeira autora, durante os seus estudos acadêmicos; gradualmente, percebia-se uma espacialidade atravessada por tempos diferentes e representada nos espaços antigos e modernos. Nessa compreensão, viabilizada por caminhadas pela cidade, sujeitos histó-

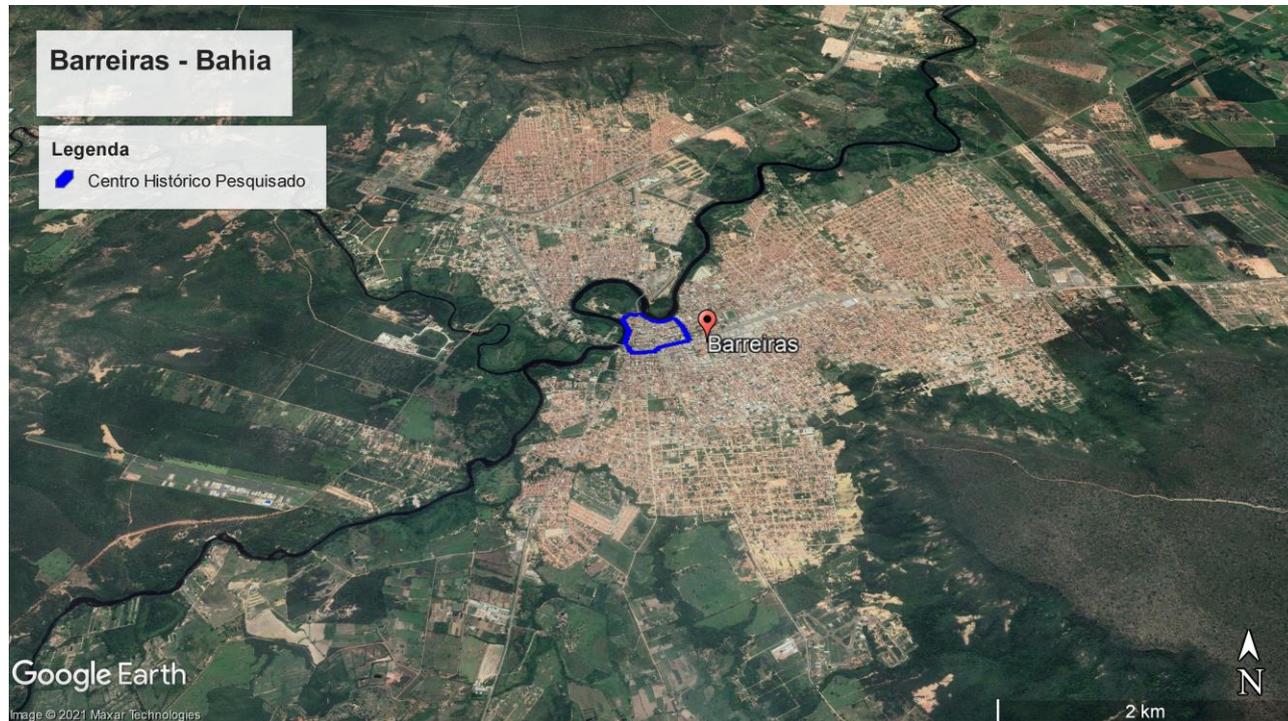
ricos, que, à primeira vista, eram anônimos e apenas nominavam placas de praças, ruas e as sobras de passagens (becos), aos poucos, passaram de objeto de curiosidade a objeto de pesquisa.

Assim, a escolha da investigação sobre o objeto, as representações e os imaginários toponímicos do Centro Histórico de Barreiras (Figura 1), foi motivada também pelo objetivo de compreender quem eram aqueles sujeitos históricos da espacialidade local e da região, que se faziam presentes em algumas placas de ruas, praças e becos daquele determinado recorte urbano de Barreiras. Com auxílio das fundamentações encontradas em Roger Chartier (2002), Marc Augé (2012), Cornelius Castoriadis (1982), Maria Dick (1996), entre outros, foram realizadas as análises sobre aqueles topônimos barreirenses que provocaram a curiosidade inicial de pesquisa.

Para uma primeira compreensão, faz-se imprescindível, um esclarecimento de localização, no campo de estudos da linguística, na qual se insere a toponímia:

[...] enquanto campo da Onomástica – que cuida do estudo dos nomes próprios das espacialidades, propõe uma classificação para as significações simbólicas dos nomes. Por essa proposta metodológica para análise das fontes, podemos desnaturalizar as toponímias [...], pensando-as para além do nome do(a) homenageado(a). A compreensão histórica que por ora apresentamos é uma construção modelada por clivagens de diferentes ordens [...] (BRITO, 2019, p. 30).

Na sequência, apresenta-se o escrutínio desses topônimos, com origens locais e regionais, para perceber como as representações de configurações políticas, econômicas, sociais e culturais podem ser visibilizadas para além das nomações estabelecidas em logradouros públicos, constituindo, assim, alguns imaginários.



**Figura 1.** Mapa com a localização do Centro Histórico de Barreiras-BA. Fonte: Elaborado pela autora, com auxílio do Google Earth©.

## *Praças e coronéis: representações de poder político e econômico*

A ocupação urbana de Barreiras começou pela Rua Humaitá, referência a uma das operações na Guerra do Paraguai; nomeada assim pelo médico combatente Augusto Cezar Torres, que era natural da cidade de Barra, localizada a mais de 300 km de distância de Barreiras; que, ao voltar da referida guerra, estabeleceu residência na estreita rua Beira rio. O próprio Augusto é homenageado pelo município, tendo atribuído seu nome a uma praça. Ainda segundo relato da professora e memorialista, Ignez Pitta de Almeida, entre as duas primeiras ruas do centro urbano de Barreiras (BA), está localizada a praça que contém o busto do médico, financiado pelos próprios barreirenses. No antigo Centro Histórico barreirense, há praças, ruas e becos que contam histórias sobre importantes sujeitos do espaço local e da região. Nelas, as relações com alguns períodos históricos vivenciados no Brasil, assim como os interesses de seus líderes se “eternizam” no espaço geográfico local.

Contudo, verificamos um destaque para a representação militar na ocupação de topônimos da cidade, em relação à História local, que envolve as praças "Coronel Baylon Boaventura" e "Coronel Antônio Balbino". Ressalta-se ainda, que há uma praça para a mesma parentela Balbino, por nome "Coronel Emídio Balbino", concretizando ainda mais o número das representações determinadas pelos interesses do grupo que as instituíram, tendo intrínseca relação com a posição social de quem as definiram, os homenageados e os suprimidos, devido ao avanço urbano (CHARTIER, 2002).

O barreirense Antônio Balbino foi governador da Bahia e exerceu a função de ministro, em diferentes áreas e mandatos presidenciais. Nesse sentido, é relevante destacar que os sobrenomes "Balbino de Carvalho" são bem conhecidos no Oeste Baiano, pois nomeiam diversos logradouros na cidade de Barreiras, e a atribuição pode estar associada ao pai ou ao filho.

A quarta praça do Centro Histórico de Barreiras que foi pesquisada é popularmente conhecida como “Praça de Alimentação”, em virtude de várias lanchonetes que existem no local. Já foi chamada de "Praça dos Comerciantes", por ter sido um ponto central do comércio barreirense. Contudo, o seu nome real é "Praça Cel. Antônio Balbino" e constitui-se em um exemplo de como a paisagem define o lugar.

O exemplo dado se direciona para a compreensão de que a percepção e os sentidos atenuados fazem com que, culturalmente, o nome de origem seja deixado de lado, dando lugar a uma denominação que é mais cotidiana aos caminantes. A paisagem é um construto do imaginário humano, que sofre diretamente influência da cultura que temos, atribuindo memórias aos lugares, gerando pertencimento (SCHAMA, 1996). É essa paisagem deflagrada pelos nomes próprios ou de conhecimento popular que expressa a (re)produção de imaginários que é obra das mentes humanas:

Antes de ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra de nossa mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas. É evidente que o próprio ato de identificar (para não dizer fotografar) o local pressupõe nossa presença e, conosco, toda a pesada bagagem cultural que carregamos (SCHAMA, 1996, p. 17).

Ademais, verifica-se que o poder dos coronéis também foi reconhecido toponimicamente, pela ascensão econômica, no decorrer de determinados momentos da história local. Nessa pers-

pectiva, busca-se exemplificar com o Coronel Baylon Boaventura, que foi responsável por expandir as atividades industriais na região, com a implantação de fábricas beneficiadoras de cereais e algodão, fornecendo matéria-prima para produtoras locais de tecido. A praça que recebe o seu nome encontra-se entre as ruas mais “boêmias” de Barreiras. Num aglomerado de bares e restaurantes beira-rios. A praça hoje seria nas intermediações de um espaço largo, onde ficam alocadas as mesas dos estabelecimentos comerciais supracitados e um antigo prédio, conhecido como Mercado Caparosa.

Para além do poder militar, político e econômico de alguns coronéis na primeira metade do século XX, a presença mais recente de um militar intitulado um espaço público no Centro Histórico de Barreiras foi nos anos de 1970, com a "Praça Juarez Souza". Porém, verifica-se relativamente a este exemplo um processo de destoponimização: mudança de referência nominativa. Durante o primeiro mandato do prefeito Baltazarino Araújo de Andrade, o mesmo quis agradar um comandante do 4º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção) e a nomeou de "Praça Coronel Celso Viana" (ALMEIDA, 2019). Segundo o relato da professora Inês Pitta, devido a essa troca sem relação com os passantes, o local não tem reconhecimento, nem por um nome, nem pelo outro, pois foi apelidada popularmente como a “Praça do Cais”.

Ao analisar a representação popular da praça mencionada, construída conforme a vontade do povo, entende-se que o fato de não saber o seu nome real (ou os motivos que o definiram), não impede os indivíduos de interagirem entre si e com o lugar, tornando-a um espaço social, uma vez que as várias identidades que um espaço pode ter são os reflexos da fragmentação dos sujeitos que o frequentam. Essa é uma das características dos sujeitos pós-modernos, que reproduzem suas identidades não fixas, essenciais ou permanentes (HALL, 2006). Elas são ainda tradutoras de uma necessidade, muitas vezes latente e localizada na relevância e diferença, que podem existir na vida dos sujeitos, quando conhecedores de sua História:

[...] previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não só de única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2006, p.12).

Nesse sentido, as representações de ambos precisam de conhecimento pela sociedade – Juarez Souza foi um deputado estadual muito influente na divisão dos municípios do Oeste Baiano, beneficiando algumas microrregiões, que careciam de uma administração mais próxima. A exemplo da própria Barreiras, pertencente primeiramente à Angical e, posteriormente, que se dividiu, tendo se emancipado em São Desidério, Catolândia e outros municípios (ALMEIDA, 2019). Coronel Celso Viana de Araújo foi o primeiro comandante do 4º BEC, (1973-1975) e iniciador das obras da BR-020/BR-242, via de grande importância econômica para o escoamento da produção no interior do país, assim como, uma ligação com a capital Brasília e o litoral do país.

Assim, ressaltamos a representação coronelista, como sendo oriunda de um imaginário republicano, localizado temporalmente entre a Proclamação da República e a Revolução de 1930, mas que ainda permanece lembrada nas denominações das espacialidades (BRITO, 2012), uma vez que muitos desses donos de terras, apoiados no Estado, tinham grande influência nas decisões políticas (Figura 2). Para essa realidade, percebe-se que não foi diferente no interior da Bahia, vista por muitos apenas como um grande latifúndio, dividido entre algumas famílias. Antônio Guedes de Brito foi o proprietário da sesmaria onde se localiza Barreiras; que, alguns anos de-

pois, teve algumas partes vendidas, dando origem às fazendas Tapera e Malhada, importantes para a gradual ocupação do espaço local, entre os séculos XVII e XIX.

Coronéis, por hereditariedade ou por agregação, a História da família Balbino (com pai e filho de mesmo nome) é atravessada por ambos os modos<sup>1</sup>. O pai foi casado com Custódia Rocha de Carvalho, filha de Geraldo Rocha, fundador da empresa Companhia Agropastoril Sertaneja S.A. e é considerado como o elemento decisivo para a criação da Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), que viria a formar a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF). Enquanto que o filho, além de já estar inserido nesse contexto familiar, se dedicou à carreira política, sendo um notável governador para a Bahia e ministro em diversas áreas para o Brasil. Da mesma forma, o Coronel Baylon Boaventura pode estar muito mais relacionado ao seu poder econômico e influência política na região; do que, de fato, ao militarismo. Efetivamente, sabemos da patente do Coronel Celso Viana, a qual está registrada no Histórico do 4º BEC.



**Figura 2.** Mapa com localização das praças com topônimos em homenagens à Coronéis e militares. Fonte: Elaborado pela autora, com auxílio do Google Earth©.

Conforme a existência atual dessas praças, compreendemos que o imaginário de poder associado ao termo "coronel", transpassou a história dos espaços barreirenses, quando sobrevive às mudanças temporais que a sua sociedade vivencia. Esse simbolismo dos coronéis estabeleceu um vínculo entre as suas representações de autoridade, controle e propriedade. Porém, apesar da invenção utilizar do simbólico para existir, é possível o uso inverso, pressupondo ver uma coisa que não é (ou diferente do que ela mostra ser), podendo assim, combater a história dos dominantes (CASTORIADIS, 1982).

<sup>1</sup> Antônio Balbino (Filho), fez fortuna por herança do pai e pelo casamento com Custódia Rocha, também, filha de latifundiário.

Para os topônimos estudados, concorda-se com Castoriadis (1982), sobre a inferência do imaginário:

[...] queremos falar de alguma coisa 'inventada' - quer se trate de uma invenção "absoluta" (uma história imaginada em todas as suas partes), ou de um deslizamento, de um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis são inventados de outras significações que não são suas significações 'normais' ou 'canônicas' [...] é evidente que o imaginário se separa do real, que pretende colocar-se em seu lugar (uma mentira) ou que não pretende fazê-lo (um romance) (CASTORIADIS, 1982, p.154).

Um outro fator associado à nossa análise – o imaginário republicano e as suas representações verificadas nas homenagens aos sujeitos históricos de expressão nacional e que não têm origem em Barreiras ou na região em que se localiza; exige uma menção por indiretamente dialogar com o nosso objeto de pesquisa. A "Praça Duque de Caxias", mais conhecida como "praça do coreto"; e as ruas "Marechal Deodoro" e "Benjamin Constant" conversam com os ares republicanos da época; pois, no tempo entre a Proclamação da República (1889) e a elevação para Vila de Barreiras (1891), fez-se necessário significar o espaço local, incorporando ao cotidiano nascerou, os novos modelos políticos. Igualmente, representações históricas, como "Sete de Setembro" e "Quinze de Novembro", foram inseridas em rua e avenida.

Ao observar a presença de tais sujeitos na toponímia barreirense, com suas representações e imaginários, a história intelectual mostra como é possível reconstituir os sentimentos e as sensibilidades próprias das pessoas, no tempo e no espaço, devido à produção do imaginário e à percepção coletiva das atividades humanas. Sendo o mundo social, algo produzido pelas relações dos membros nos grupos, que cria o sentido de um indivíduo para o outro, tornando o espaço decifrável (CHARTIER, 2002).

Apesar de encontrar-se numa escala menor, quanto à quantidade de representações e imaginários, esse "decifrar" da sociedade local, captado pelos nomes homenageados em logradouros, permite verificar e analisar a existência de algumas mulheres na História local.

### *Do partejar da avenida ao ensino da rua: representações femininas na toponímia urbana*

Uma parteira e uma professora são duas, das três mulheres presentes na primeira composição urbana habitada em Barreiras, o centro da cidade. A "Avenida Benedita Silveira", que também é um trecho da BR-242, representa uma parteira dotada de saberes tradicionais, responsável pelo nascimento de figuras locais importantes a partir da década de 1920 (Figura 3). Já a professora Guiomar Porto, nascida na Barra, veio para Barreiras e foi a primeira diretora do quase centenário Grupo Escolar Costa Borges. Sobre a "Rua Irani Lima Pinto", não foi encontrada, até o presente momento, sua colaboração para a História local, mas podemos imaginar que exista algum significado para a sua presença, institucionalizada em um símbolo de local público.



**Figura 3.** Mapa com a localização de ruas em homenagem às mulheres. Fonte: Elaborado pela autora, com auxílio do Google Earth©.

Apesar do século XX ser um período de grandes mudanças urbanas e reformas higienistas no interior do país, muitas práticas das artes de curar, que envolvem os saberes de cirurgiões, herbolários, farmacêuticos, algebristas, sangradores e parteiras continuavam de forma tradicional presentes na sociedade. Os conhecimentos sobre partejar eram obtidos com a realização do nascimento dos filhos da parentela, pela transmissão de ensinamentos de parteiras mais velhas e, em alguns casos, com uso de obras obstétricas, independente das escolas formais.

Mesmo antes de haver o curso de partos, ministrado pelas faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, em 1832, já havia parteiras com ofício regulamentado (BARRETO, 2008). Segundo Almeida (2019), dona Benedita Silveira ensinava suas habilidades às parteiras mais jovens, atendendo a uma demanda local na área da saúde. As parteiras, para além do acompanhamento da gravidez, parto e puerpério, prestavam os primeiros cuidados ao recém-nascido e à mãe, limpeza e alimentação, assim como, na amamentação e possíveis irregularidades. Cuidava da infertilidade e de doenças nas regiões da genitália. Era procurada em caso de esterilidade, estupro, contracepção, abortos, chegando a praticar cesarianas post mortem e a ministrar o batismo no natimorto (BARRETO, 2008).

A ausência de instalações hospitalares deu a Benedita Silveira uma grande relevância social, inclusive, existindo relatos de que seria muito querida por pessoas como o Coronel Antônio Balbino Filho, por realizar o parto do seu filho, assim como, de muitas outras pessoas que vieram a se destacar no cenário político e econômico da cidade; que, fazendo a homenagem, buscaram

conferir agradecimento, por meio do topônimo urbano de um logradouro público do Centro de Barreiras.

Ademais, mesmo não pertencendo a uma classe influente, dona Benedita Silveira marcou o grupo dominante, que a quis representá-la, pondo em seus interesses, a participação de uma parteira no espaço geográfico e na História local. Dentro dessa relação de poderes simbólicos, ficou um conhecimento histórico para a região, que poderia ser silenciado, sendo notória a facilidade com que se perdem os signos, quando em lugares subalternizados (BOURDIEU, 2003). Essa luta das representações nos permite compreender quais os mecanismos pelos quais um grupo impõe (ou tenta impor) a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus mesmos, além de seu domínio (CHARTIER, 2002).

Conforme Barreto (2008), as mulheres que exerciam essa profissão foram, por muitos anos, associadas a pessoas sem qualificação, aborteiras e feiticieras. A mudança desse paradigma ocorreu entre os anos 1970 e 1980, sobretudo, a partir de análises feministas, que destacaram as nocividades discursivas, criadas por alguns médicos para a sociedade. Tal imaginário também pode ser compreendido como uma luta política no mundo social:

Os cirurgiões e, em seguida, os médicos, ao tratarem a gravidez e o parto como patologias a serem por eles administradas, construíram a base ideológica que justificou o ingresso desses profissionais no mundo de práticas e saberes eminentemente femininos. [...] A questão dimensionada no campo das disputas profissionais revela que a chegada dos cirurgiões e médicos à cabeceira da parturiente foi o resultado da sedimentação e do esforço de legitimação da profissão médica, que assim rompia a autoridade das comadres, há muito existente, sobre o ato do nascimento (BARRETO, 2008, p. 902).

Dessa forma, entendemos que, quando um topônimo confere relevância a uma “minoría” sem status de poder político ou econômico, verificamos que “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio.” (CHARTIER, 2002, p.17).

Em toda aquela realidade de final do século XIX e primeira metade do século XX, o movimento republicano precisava construir uma nova nação, sob os pressupostos civilizatórios europeus. Para isso, a educação foi repensada através dos modelos de grupos escolares, erguidos enquanto parte das repercussões dos modelos educacionais oriundos da Revolução Francesa, onde a instrução era o caminho para a sociedade adequada:

Com o golpe ao regime monárquico e o sucesso da tomada de poder pelos republicanos coube, portanto, ao novo regime, repensar e esboçar uma escola que atendesse os ideais que propunha construir uma nova nação baseada em pressupostos civilizatórios europeizantes que tinha na escolarização do povo iletrado um dos seus pilares de sustentação (BENCOSTTA, 2005, p. 68).

Contudo, a realidade brasileira, com precários orçamentos destinados à educação primária, deixava sob responsabilidade de cada estado, definir em quais medidas os valores seriam investidos. Apesar daquele contexto nacional de poucos recursos, foi erguido na terceira década do século XX um grupo escolar, que está localizado à esquerda do principal templo religioso católico do município, a Catedral de São João Batista. Sua posição tem um destaque geográfico, característico dos signos republicanos que enalteciam o novo regime e fomentavam uma ideia de identidade nacional na paisagem local (SCHAMA, 1996).

Em tal perspectiva, o espaço educacional, que se encontra inserido num imaginário escolar republicano, será destacado pela atuação de uma mulher, que será o nome de homenagem para a rua de tal instituição escolar. Esse “encontro” toponímico, que é evidenciado a seguir, perfaz a compreensão de que:

[...] lembranças da paisagem partilham duas características comuns: sua surpreendente permanência ao longo dos séculos e sua capacidade de moldar instituições com as quais ainda convivemos. A identidade nacional, só para mencionar o exemplo mais óbvio, perderia muito do seu fascínio sem a máscara de uma tradição paisagística particular [...] (SCHAMA, 1996, p. 26).

Com o erguimento de um grupo escolar, surgiu a função de diretor escolar, que era muito mais atribuída a homens. Mas, isso não impedia que mulheres exercessem atividades administrativas, acompanhamento de professores e alunos; e atualização dos conteúdos (BENCOSTTA, 2005).

Em Barreiras, foi inaugurado, entre os anos de 1925 e 1927, o "Grupo Escolar para Meninos e Meninas", mais tarde, renomeado para "Grupo Escolar Costa Borges", referência a um médico local. Segundo relatos, foi financiado pelo intendente Amphiphio Lopes, que solicitou ao governador, a autorização de projetos para sua construção.

A direção da escola foi dada à professora Guiomar Porto, nome atribuído à rua onde se localiza a atual (e ainda ativa) escola, quase centenária. Apesar de não ser nativa de Barreiras, vindo já formada profissionalmente do seu município de origem (Barra), foi a responsável por iniciar as atividades escolares institucionalizadas na cidade. De um tempo em que ainda era comum a educação em casa ou com tutoria particular, o que a professora continuou a fazer após sua aposentadoria (ALMEIDA, 2019).

As práticas educacionais de atuação profissional no espaço local, que foram desenvolvidas pela professora Guiomar Porto; e as relações decorrentes, que foram estabelecidas na sociedade de Barreiras e região, foram capazes de ser reconhecidas nas identidades sociais, o que pode simbolizar a sua forma de estar no mundo:

[...] No campo da educação de primeiro grau, a professora Guiomar Porto marcou época entre os anos vinte e quarenta, acabando por receber “post mortis” com justiça, nome de uma das principais ruas da cidade. Sua fama de ‘durona’ correu o mundo. O porteiro Pombo Café dizia aos quatro ventos ‘que no Grupo Escolar Costa Borges só houve disciplina para professores e alunos, enquanto Guiomar Porto foi diretora’. Dirigiu aquele estabelecimento escolar por mais de dez anos com mão de ferro, linha dura. Professora não “queimava” aulas. A sua fama, no entanto, foi maior como mestra competente. Tinha uma escola particular na sua própria residência, quase de frente a de Padre Armindo, na esquina da Rua Barão de Cotegipe com o Beco da Apertada Hora, onde é hoje a Clínica São Pedro. ‘Quem proclamou a República no dia 15 de novembro de 1889?’ Perguntava a Profa. Guiomar, em voz baixa, pausava. Se o aluno confundisse Marechal Deodoro com D. Pedro I, ela passava a pergunta para o próximo da fila. Se esse não acertasse, BOLO! No entanto, o que ficou como marca registrada foi o famoso TALHO DE LETRA dos alunos da Professora Guiomar Porto. Todos escreviam bonitinho com letras absolutamente iguais. Era uma espécie de identidade da escola. GUIOMAR PORTO pode ter infringido as regras da pedagogia moderna, mas impôs ORDEM E PROGRESSO em seus alunos. Mereceu ser nome de rua. Melhor ainda da rua do Grupo Escolar Dr. Costa Borges, onde foi diretora por mais de dez anos. Agradecemos à cidade de Barra por no-la emprestar... (PAMPLONA, 2020, p. 76-77).

As formas institucionalizadas em ruas ou avenidas, com topônimos em homenagem a mulheres e objetificadas por suas representações, são marcas de uma forma visível e perpetuada da existência delas para a comunidade. Mas, não são apenas esses logradouros que conferem o desconhecimento de parte da população sobre as histórias do espaço local. Outras representa-

ções ainda necessitam de conhecimento por parte dos barreirenses. Os nomes de becos também são exemplos de toda uma pluralidade toponímica valorizadora de personalidades e acontecimentos, ainda presentes na espacialidade do Centro Histórico do município.

### *O "santo" e o folião nos becos barreirenses: outras representações nominativas no centro histórico da cidade*

Pierre Bourdieu (1989) nos diz que a representação depende do conhecimento das ideias e, depois, do reconhecimento da verdade. Não é do conhecimento de todos, a existência e nem a relevância do Padre Armindo, mas ele está registrado no percurso espacial e urbanístico do Centro Histórico barreirense. O "beco do Padre Armindo" (ou apenas "beco do Padre", sem menção ao nome), se localiza entre a Catedral de São João Batista e a Rua Barão de Cotegipe (Figura 4). Longe de se apresentar como um espaço cinematográfico, o referido beco tem seus destaques, como as casas com grandes janelas, portas laterais de estabelecimentos e locais abandonados. Ele é um atravessador de tempos, que, na forma física, tem diferentes construções e reformas, que marcam igualmente distintas datações da sua existência e uso. Na forma subjetiva, atende a diferentes demandas, de acordo com as necessidades de seus transeuntes.

Em diálogo com Castoriadis (1982), que ao afirmar que símbolos são significantes para representações trazerem ou não sentido ao representado, fazendo com que as instituições só existam devido aos significados atribuídos a ela, por conta dos símbolos, coadunamos com o mesmo quando evidencia que os sistemas simbólicos:

[...] consistem em ligar a símbolos (a significantes) significados (representações, ordens, injunções ou incitações para fazer ou não fazer, consequência, significações, no sentido mais amplo o termo) e fazê-los valer como tais, ou seja, a tornar esta ligação mais ou menos forçosa para a sociedade ou o grupo considerado (CASTORIADIS, 1982, p. 142).

Bourdieu (2003) ajuda a completar o pensamento, ao definir o sistema simbólico como um atributo social, tornando possível o consentimento pelos instrumentos de conhecimento e comunicação, dando sentido ao mundo social.

Sobre o homenageado, foi Padre Armindo quem recebeu a responsabilidade de administração da Paróquia de Barreiras, quando a mesma foi criada, em 1937. Esse, além de todos os seus feitos na sociedade barreirense, enquanto cumpridor de suas funções eclesásticas, tornou a sua existência, um símbolo encontrado na linguagem toponímica do mapa local. O topônimo atribuído ao espaço, mesmo que seja um beco, liga o sentido da popularidade que ele detinha, assim como, os aspectos religiosos constantemente representados na região para a História e a sociedade (CASTORIADIS, 1982).

A associação do estreito corredor ao padre não é evidente nos registros escritos e historiográficos. Sendo uma nomeação feita pelos usuários de costume, sabe-se sobre o seu cotidiano (que lhe acarretou o apelido) - o relato da casa do pároco se localizar proximamente à passagem que existe hoje. Posteriormente, a reorganização urbana alterou a largura das ruas, assim como, derrubou e reconstruiu edificações no local; podendo não ser verdadeiros os fatos; mas, isso não o descaracteriza como uma realidade presente na onomástica pronunciada, quando se referem à toponímia daquele beco.

Outro interesse dessa pesquisa foi evidenciar a presença de extremos e diferenças: a rua e o beco, os homens e as mulheres, o religioso e o profano; que tanto caracterizam a diversidade do centro urbano de Barreiras.

O "Clube do Dragão Social" era um espaço para o lazer, que sediava bailes, peças teatrais e diversos tipos de cerimônias, registradas em fotografias. Era o encontro dos alvoroços, um espaço para expressão cultural, que foi transformado, anos depois, no "Centro Cultural Rivelino de Carvalho", com estrutura moderna de frente espelhada, que reflete a rua com seu antigo nome, rua "Beco do Dragão" (Figura 4). Apesar da imbricação na titulação (rua e beco), a ideia representada está muito presente. Com essa junção, somos capazes de resgatar um objeto ausente e, com ele, as memórias relacionadas (CHARTIER, 2002), reais ou não. Sem evidências documentais, sabe-se (por relatos) que o real beco é uma sobra da rua adjacente, na lateral do referido prédio.



Figura 4. Mapa com outras representações nominativas. Fonte: Elaborado pela autora, com auxílio do Google Earth®.

Conforme Castoriadis (1982), o termo imaginário denota algo inventado, deslizado ou deslocado de um símbolo já disponível, onde são investidas outras significações. Portanto, mesmo a ruela sendo, para muitos, só um encurtador de tempo ou uma brecha no espaço urbano, ela está repleta de sentido, ao ter definições identitária, relacional e histórica (AUGÉ, 2012).

Assim, "padre" e "clube" também se eternizaram no imaginário toponímico de Barreiras. Apesar dos becos serem reconhecidos como um "não-lugar", conforme definição de Augé: "Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar [...] espaços que não são em si antropológicos" (AUGÉ, 2012, p.73); estes espaços de passagem, quando tomados pela historicidade dos sujeitos do lugar, podem, no decorrer do tempo, ressignificar a definição de "não-lugar". Ademais, afirmá-los, a partir desta definição, seria uma forma equivocada e preconceituosa de fazê-lo, relacionada à estética e ao estigma do ordenamento social nos espaços urbanos, de que os becos serviriam apenas como passagem. Logo, se os topônimos sobrevi-

veram no tempo, a linguística nos concedeu essa possibilidade de entender os espaços, suas representações e seus imaginários, promovidos por alguns sujeitos da História local.

### *Considerações Finais*

A contextualização dos espaços e dos tempos, abordados de acordo com seus topônimos; assim como com a observação de seus imaginários, nos mostra um esboço de parte das vivências no espaço urbano barreirense. Ao lado das muitas histórias e cruzamentos entre referências locais e nacionais, no delimitado espaço do Centro Histórico, a pesquisa resultou numa mostra do que seria um reflexo do cotidiano mais frequente da primeira metade do século XX, como a presença do sentimento republicano (representado pelos coronéis), os achados, quase que invisíveis, da presença das mulheres na referida sociedade, além dos resíduos urbanos, que, mesmo sem nomes oficiais, estão registrados nas crônicas geográficas e históricas da linguística diária e atual dos seus habitantes.

São referenciais toponímicos, portadores de representações e imaginários, que se enquadram em algumas categorias, presentes na proposta metodológica de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1996), para classificação toponímica – o método taxonômico: *Hierotoponímico* (do imaginário religioso, que envolve nomes sagrados); *Historio-sociotoponímico* (relacionado a figuras importantes, traços culturais, movimentos de cunho histórico-social etc; sem manifestar os nomes de participantes, quando existentes); e, principalmente, *Antropotonímico* – com denominações que aparecem com os nomes dos homenageados.

Por fim, destaca-se que muitas outras praças, ruas e becos de toda a cidade esperam pelas andanças e pelos olhares atentos de seus passantes. Igualmente, aguardam a interpelação ao objeto histórico, a fim de que seja investigado, questionado e apresentado aos demais praticantes do espaço, criando, assim, novas relações de identificação e pertencimento ao lugar (CERTEAU, 1998). À espera de novos olhares e interpretações, nos lembram que a nossa História está demarcada no tempo e nos espaços, à face, muitas vezes, de sujeitos e acontecimentos diversos, que precisam de conhecimento, vivências e pesquisas, para além de um percurso diário ou esporádico.

### *Referências*

- ALMEIDA, I. P. de. **Memórias sobre as ruas barreirenses**. Barreiras, 2019.
- AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lucia Pereira. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- BARRETO, M. R. N. **Assistência ao nascimento na Bahia oitocentista**. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 901-925, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702008000400002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000400002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 out. 2020

- BENCOSTTA, M. L. A. Grupos escolares no Brasil. In: STEPHANOU, M; BASTOS, M. H. C. (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 68-76.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRITO, A.D. da S. **Em nome(s) do interesses**: imaginário toponímicos do Rio Grande do Norte na Primeira República. 2012. 264f. Dissertação (mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Em nome(s) da Educação**: imaginários toponímicos dos Grupos Escolares do Rio Grande do Norte (1907-1947). 2019. 173f. Tese (doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1982.
- CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano**: artes de fazer. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, R. **A história cultural**. DIFEL: Portugal, 2002.
- DICK, M.V. de P. do A. **A Dinâmica dos Nomes na Cidade de São Paulo – 1554-1897**. São Paulo: Annablume, 1996.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- PAMPLONA, Luiz Gonzaga. **Barreiras, Bê-a... da Barra para cá!** Rio de Janeiro: EBA UFRJ, 2002.
- SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.